



UMA VOZ A SERVIÇO DO SAMBA

Uma das **vozes mais autênticas** e marcantes da história do samba, **Aracy de Almeida (1914-1988)** tem um de seus principais álbuns, **'Samba é Aracy de Almeida' (1966)**, relançado em vinil especial em **projeto de memória musical** desenvolvido pela **Universal Music**. Pág. 2



Aracy de Almeida foi a grande intérprete de Noel Rosa e a maior responsável pela popularização de sua obra

A cantora que deu fama a Noel Rosa

AFFONSO NUNES

Quem via aquela jurada baixinha e com cara de poucos amigos espiando aspirantes a cantores no programa de calouros do Silvio Santos talvez não imaginasse que por trás daquela rabugice estava uma das intérpretes mais importantes do samba. Sim, Aracy de Almeida tinha moral para ser exigente com cada um daqueles candidatos, pois foi uma estrela de nossa canção popular.

E agora a estrela do rádio, morta em 1988, volta aos holofotes. A Universal Music Brasil acaba de relançar “Samba É Aracy de Almeida”, álbum de 1966 que permanecia fora de circulação há décadas. Conhecida como “Samba em Pessoa” e “A Dama do Encantado”, Aracy merecia estar de volta às prateleiras. Nascida em 1914 no Rio de Janeiro, ela foi a primeira grande cantora de samba do Brasil, responsável por manter viva a obra de Noel Rosa e por uma carreira que começou em 1934 e se estendeu por mais de cinco décadas.

O álbum que agora retorna foi capitaneado por Aloysio de Oliveira para seu lendário selo Elenco — o



A cantora durante gravação do samba ‘Eu Não Sou Daqui’, de Wilson Batista e Ataulfo Alves, em 1941, em festival de uma rádio

mesmo Aloysio que integrou o Bando da Lua entre os anos 1930 e 1950 e deixou sua marca nos arranjos e na seleção do repertório. O disco reúne dez sambas que resgatam pérolas da época de ouro de Aracy. Quatro deles ela teve a primazia de lançar: “Três Apitos” de Noel Rosa (gravado originalmente por ela em 1951, 14 anos após a morte do compositor), “Tem Pena de Mim” de Hervé Cordovil (também de 1951), “Triste Cuíca” de Noel e Cordovil (de 1935) e “Sabotagem no Morro” de Wilson Batista e Haroldo Lobo (registrada por ela em 1945). Esses

nomes — Noel, Wilson, Haroldo — aparecem constantemente em sua discografia de 331 fonogramas, revelando a intimidade entre intérprete e compositores.

Das composições que Aracy nunca havia gravado, estavam dois sambas de Assis Valente lançados pelo Bando da Lua em 1935: “Cansado de Sambar” e “Mangueira”. A presença desses títulos no álbum não é coincidência — Aloysio de Oliveira conhecia bem esse repertório e sua mão pesou na curadoria. Há ainda “Ora Ora” (de Almanir Grego e Gomes Fi-

lho, lançado pelo Bando da Lua em 1940) e duas composições de Ary Barroso: “É Mentira, Oi” (lançada por Silvio Caldas em 1932) e “Não Sou Manivela” (gravada originalmente por Diamantina Gomes em 1953). Fecha a seleção “Batucada Surgiu”, dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle, compositores que despontavam naquela época com uma carreira que se provaria de imenso sucesso.

Musicalmente, o álbum é uma aula de arranjo e sensibilidade. Aracy foi acompanhada por Roberto Menescal no violão e Ugo Marotta no piano e órgão — ambos também responsáveis pelos arranjos. A seção rítmica incluía Alpheo Barroso Neto na bateria, Sergio Barroso no contrabaixo e mestre Marçal na percussão. Copinha toca flauta, Laerte Gomes de Alcântara divide o sax alto e clarinete, e há ainda o coro formado por Aloysio, Menescal, Ugo e Laerte. Esse time de músicos tarimbados tanto no samba quanto na bossa nova, conferiu ao trabalho uma qualidade perene.

A carreira de Aracy de Almeida é inseparável da história do samba. Começou aos 20 anos, em 1934, gravando marchinhas de Carnaval pela Colúmbia, acompanhada por Pixinguinha e sua orquestra. Naquele mesmo ano, conheceu Noel

Rosa na Rádio Educadora. Ele reconheceu seu talento e a convidou para cantar suas composições — uma parceria que duraria décadas e que faria de Aracy a intérprete mais importante da obra de Noel. Ela gravou 165 discos de 78 rotações, quantidade impressionante que revela a intensidade de sua presença no mercado fonográfico brasileiro. A partir de 1968, Aracy ganhou fama adicional como jurada mal-humorada e espirituosa em programas de calouros de televisão, tornando-se figura conhecida de gerações que não necessariamente acompanhavam sua brilhante carreira musical.

“Samba É Aracy de Almeida” é um documento que captura Aracy em sua maturidade artística, em 1966, quando ela já havia consolidado seu lugar na história do samba, mas ainda tinha muito a oferecer. O álbum não é uma compilação de sucessos da cantora, mas um mapeamento preciso do do samba carioca entre as décadas de 1930 e 1950, um trabalho que ajudou a recuperar a imagem do gênero após anos de ostracismo.

A memória e legado de Aracy merecem esta reedição, assim como o público merece direcionar olhares e ouvidos na direção desta cantora ímpar na música brasileira.

Um 'encontro' para ficar na história

Reprodução



Divulgação

Single inédito de 'Corsário' reúne a voz de Elis restaurada com participação do lendário percussionista Paulinho da Costa

AFFONSO NUNES

Quando João Marcello Bôscoli era criança, viu o nome de Paulinho da Costa na ficha técnica de um disco do Earth, Wind & Fire. Perguntou à mãe quem era aquele músico. Elis Regina respondeu: "Ele é o melhor percussionista do mundo." Cinquenta anos depois, essa conversa se materializa em estúdio. A Trama, selo de João Marcello, lança "Corsário" para o Dia das Mães — um single que finalmente une a cantora e o percussionista que nunca gravaram juntos.



Paulinho da Costa no estúdios durante a gravação da faixa, que restaura a magistral voz de Elis Regina (detalhe)

A história começa em 1976. Elis Regina gravou uma sessão para um especial de televisão usando apenas um microfone padrão de shows. A qualidade era precária, mas a voz estava lá. Décadas depois, João Marcello Bôscoli — hoje produtor — decidiu recuperar aquela gravação. O engenheiro Ricardo Camera restaurou a voz de Elis, morta precocemente em 1982, usando softwares avançados para eliminar ruídos. De-

pois vieram os arranjos novos.

A composição é de João Bosco e Aldir Blanc. Os arranjos foram feitos por Marcelo Maita com um critério específico: usar apenas instrumentos de 1976 ou anteriores, preservando a ambiência sonora daquela época. A gravação aconte-

ceu nos Estúdios Trama NaCena, em São Paulo. Daniel de Paula na bateria, Robinho Tavares no baixo, Conrado Goys na guitarra, Marcelo Maita nos teclados — e Paulinho da Costa na percussão.

Paulinho é figura única na história da música. Brasileiro, tem estrela na Calçada da Fama de Hollywood — único compatriota com essa honra. Gravou com Quincy Jones, Michael Jackson, Miles Davis, Ma-

donna, Whitney Houston, Prince, Stevie Wonder, Tom Jobim, Aretha Franklin. Suas mãos estão nas trilhas de sucessos do cinema como "Star Wars", "Footloose", "A Cor Púrpura", "Os Embalos de Sábado à Noite". Apesar dessa carreira monumental, sentia que faltava um nome em seu currículo: Elis Regina.

"Como nem sonhava tocar com a Elis Regina, considero que essa gravação foi um milagre", disse Paulinho. "Eu nunca poderia imaginar que a Elis sabia quem eu era. Saber disso por meio do filho dela, que foi apresentado a mim por ela e depois se tornou meu amigo, é muito emocionante."

Para João Marcello, a experiência foi igualmente marcante. "Posso afirmar que essa gravação é um dos melhores momentos da minha vida. Simplesmente inesquecível." A proposta era dissolver o tempo — todos os músicos tocando juntos no estúdio, mantendo contato visual, ouvindo a voz de Elis no fone de ouvido, como se ela estivesse ali, participando da sessão em tempo real.

"Corsário" integra um álbum póstumo ainda em desenvolvimento, reunindo registros feitos por Elis naquela mesma noite de 1976. O single segue o projeto iniciado em 2024 com "Para Lennon & McCartney".

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Eduardo Holanda/Rio Carnaval



Ao vivo na Sapucaí

Lançado nas plataformas digitais, o álbum "Rio Carnaval 2026 Ao Vivo na Sapucaí" reúne os sambas-enredo das 12 escolas do Grupo Especial em registro oficial dos desfiles. Gravado integralmente na Marquês de Sapucaí, o projeto mantém a proposta de reproduzir fielmente a experiência sonora da Avenida. A edição 2026 beneficia-se da nova estrutura sonora implementada no local. A produção é de Pretinho da Serrinha. Destaque para o campeoníssimo "Pra Cima, Ciça!", homenagem da Unidos do Viradouro ao mestre de bateria Ciça.

Divulgação



Aperitivo do novo álbum

O Foo Fighters apresentou "Of All People", primeira faixa do seu 12º álbum "Your Favorite Toy", a ser lançado no dia 24. A música, que estreou ao vivo em 22 de fevereiro em Dingle (Irlanda) abre um disco com influências do Hüsker Dü. A faixa já está disponível em plataformas de streaming, download e lyric video. O álbum foi gravado em casa, coproduzido pela banda e Oliver Roman, com mixagem de Mark "Spike" Stent. O lançamento coincide com a turnê mundial Take Cover dos Foo Fighters.

Divulgação



Como o diabo gosta

Lady Gaga e Doechii unem forças pela primeira vez em "Runway", música que abre a trilha sonora de "O Diabo Veste Prada 2". A faixa foi anunciada no trailer final do filme e chegou às plataformas digitais no último fim de semana. Produzida para as pistas de dança, a colaboração mistura pop e hip-hop em uma composição que promete movimentar a cena pop global. O filme estreia nos cinemas em 1º de maio, marcando a sequência do badalado filme de 2006, estrelado por Meryl Streep, com grande expectativa do público.

À espera do gol

Na torcida pela campanha da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, uma onda nacional de longas e uma série desafiam um tabu antigo do nosso futebol para fazer dele um blockbuster

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sonha-se... e já não é de hoje... com o dia em que um longa-metragem brasileiro sobre futebol vire blockbuster. “Todos os Corações do Mundo” (1996), de Murilo Salles – registro lúdico da Copa de 1994 -, durante um longo tempo carregou o título de “o documentário nacional mais visto da Retomada”, pelo menos até “Vinícius” (2005), sobre o Poetinha, chegar. Vimos “Pelé Eterno” (2004) chutar na trave... ainda que arrecadando uma torcida fiel. Vimos “Linha de Passe” (2008) brilhar em Cannes e tirar da Croisette o prêmio de Melhor Atriz para Sandra Corveloni, mas sem mobilizar as massas.

A dificuldade de uma narrativa audiovisual sobre bola rolando meter um gol de placa na arrecadação é alta... e histórica. Renato Aragão, o Rei Midas da arrecadação, até conseguiu dar uma de artilheiro nesse gramado, com “Os Trapalhões e o Rei do Futebol” (1986), visto por 3.616.696 pagantes. Só que isso foi numa época em que tudo do quarteto Didi, Dedé, Mussum e Zacarias valia ouro, sobretudo com Pelé em campo. Hoje, sem trapalhadas para nos dar suporte, nesta fase em que nossos filmes estão penando para atrair plateias polpudas, apesar de fenômenos localizados (um “Ainda Estou Aqui” de um lado; um “O Agente Secreto” do outro), enxerga-se um bom negócio na onda longas-metragens ligados ao esporte mais amado do país prestes a chegar. “Zico, O Samurai de Quintino”, um .doc de João Wainer, é o primeiro de um bonde que se aproxima do circuito nas raias da Copa do Mundo, agendada de 11 de junho



Peter Wrede/Divulgação



Divulgação
Parreira, Ronaldo e Zico no documentário sobre o jogador do Flamengo, que estreia em 30 de abril

Alice Carvalho com Andricha Waddington nas filmagens de ‘Marta’, na Suécia



Divulgação

‘Teste Para Cardíaco’ carrega os temperos do Pará em sua narrativa



Paulo Barros/Divulgação

O documentário ‘Botafogo e Seus Heróis Improváveis’ foi laureado na Itália

a 19 de julho.

Com materiais de arquivo raros e depoimentos de grandes ídolos

esportivos, o documentário estreia no dia 30 de abril com fome de salas cheias, apelando para a torcida

de reconstrução de vínculos e de superação do passado.

Entre projetos de natureza desportiva já no forno, correm a pleno vapor as filmagens de “Marta”, a biopic de uma das mais famosas jogadoras da História da divisão feminina deste país. Alice Carvalho, de “Cangaço Novo”, é a protagonista e filma sob a batuta do cineasta Andrucha Waddington (de “Eu, Tu, Eles” e “Vitória”). Esse drama esportivo iniciou suas filmagens na Suécia, país fundamental na trajetória da atleta, a recriar o momento em que ela chega à Europa e dá início à sua carreira internacional. Em meio ao inverno rigoroso, a produção acompanha os primeiros passos dessa jornada, num rastreo dos desafios enfrentados pela jovem jogadora.

Signo de vitórias na peleja pelo fim do sexismo, a alagoana Marta Vieira da Silva passou a integrar o time Orlando Pride, dos Estados Unidos, em 2017. Já foi escolhida como melhor futebolista do mundo por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva.

Walter Salles, que ganhou o Oscar em 2025 pelo já citado “Ainda Estou Aqui”, passou o último domingo em festa, na comemoração de seus 70 anos. Agora, é hora de se dedicar a uma série documental para o streaming Globoplay chamada “Sócrates Brasileiro”. A produção de quatro episódios explora a vida do ex-jogador e médico Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (1954-2011), destacando sua trajetória desde o Pará, a Democracia Corinthiana, a militância nas Diretas Já e seu impacto cultural e político.

Em dezembro de 2025, “Botafogo e Seus Heróis Improváveis”, de Chico Vereza e Raphael Dias conquistou o prêmio de Melhor Filme de Futebol na 45ª edição do Paladino D’Oro, o mais antigo festival esportivo do mundo, realizado em Palermo, na Itália. Seus realizadores agora se debruçam sobre um documentário sobre juízes, batizado de “Livre Arbitrio”. Nele, a personagem principal dá aulas de arbitragem para pessoas privadas de liberdade nas casas de detenção.

Paralelamente ao cinema, o futebol invade os teatros. No recém-encerrado Festival de Curitiba, a peça “Na Marca do Pênalti”, com Walter Casagrande Jr., virou uma coqueluche. No Rio, Marcus Vinícius Faustini prepara “Assim da Terra Como no Céu”, para estrear no dia 30 de abril, no Teatro Ipanema, pavimentado num texto inédito (e devastador) de Luiz Eduardo Soares sobre o encontro de um craque (Paulo Verlins) e uma repórter (Elisa Pinheiro).

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Visto que o esperadíssimo “Amizade em Altitude” (“The Entertainment System Is Down”), de Ruben Östlund, parece ter sido adiado de vez para 2027, os fãs de Keanu Reeves, um dos astros do novo longa-metragem do realizador sueco, vão buscar sua imagem noutras praças. Há cerca de um mês, um bonequinho com as feições do ator de 61 anos, tal qual ele é retratado na HQ “BRZRKR” (da qual é argumentista), entrou à venda no Mercado Livre e vem mobilizando não só leitores desse quadrinho – um best-seller, já editado aqui pela Panini -, mas entusiastas da filmografia de Keanu. Um outro bonequinho inspirado nas feições dele na franquia “John Wick” (2014-2025) também mobiliza vendas substanciais não apenas em magazines digitais, mas também em lojas de action figures (bonecos para adultos).

Outro lugar que hoje alimenta a chamada Keanumania é a Apple TV. No fim de semana, um novo longa-metragem estrelado por KR estreou nessa plataforma: “Consequência” (“Outcome”). Num par de dias, ele tomou o streaming de assalto. Não por acaso. É um dos melhores filmes de 2026... de longe!

Jonah Hill é o diretor e também está em cena. O comediante apareceu em “Superbad: É Hoje!” (2017), percorreu uma estrada exitosa no humor e virou a chave ao aparecer em “O Homem Que Mudou O Jogo” (2011) e “O Lobo de Wall Street” (2013), sendo indicado ao Oscar de Melhor Coadjuvante por ambos. Depois nadou de braçada no dramalhão em “A Pé Ele Não Vai Longe” (2018), de Gus Van Sant, e, no ano seguinte, foi à Berlinale, como realizador, com “Anos 90” (“Mid90s”), discutir aceitação. É o tema mais recorrente em suas escolhas profissionais, seja atuando ou dirigindo. A diferença é que a expressão verbal “ser aceito”, em seu mais recente trabalho, envolve um avatar humano, chamado Keanu Reeves. De quebra, ele ainda leva o realizador Martin Scorsese (“Taxi Driver”) para contracenar com seu protagonista.

É muito comum Keanu ser ironizado pela crítica, que adora tachar seu desempenho como canastrice. Al Pacino não concorda com isso. Esse deus da atuação rasgou-se em elogios ao falar do colega quando contracenou com ele em “O Advogado do Diabo”, em 1997. Nicolas Winding Refn, realizador dinamarquês premiado em Cannes por “Drive” (2011), escalou KR em “Demônio de Neon” sem nenhum arrependimento.

“Éramos um set de cinema independente, trabalhando com pouco, filmando à moda europeia, e, de re-



Ameaçado de cancelamento, o ator Reef (Keanu Reeves) pede desculpas a seu velho agente, vivido por Martin Scorsese, em ‘Consequência’ (Outcome)

Não se passa (bem) sem Keanu Reeves

Celebrizado em bonecos e na HQ ‘BRZRKR’, que escreveu, o astro amplia seus domínios via streaming, com o sucesso ‘Consequência’, e via animação, atuando em Sonic’ e ‘Toy Story’



Keanu em versão quadrinhos em ‘BRZRKR’, HQ que ele próprio escreveu



O motociclista Duke Caboom, interpretado por KR, surgiu em ‘Toy Story 4’ e volta no quinto filme da saga



A porção bonequinho do ator de 61 anos como o personagem John Wick

pente, olhávamos uns para os outros a dizer: ‘Gente, é o Keanu Reeves, e ele está aqui conosco’. Keanu mudou a forma de se fazer muitas vertentes de gênero de Hollywood. O que se vê hoje na ação não existiria

se ele não tivesse feito ‘Velocidade Máxima’ e ‘Caçadores de Emoção’. É um astro”, disse Refn ao Correio.

Em seus 42 anos de carreira, Keanu trabalhou sob a direção de gigantes. Filmou com Bernardo

Bertolucci (“O Pequeno Buda”), Francis Ford Coppola (“Drácula”), Kathryn Bigelow (“Caçadores de Emoção”), Rebecca Miller (“A Vida Íntima de Pippa Lee”), o já citado Gus Van Sant (“Garotos de

Programa”), Alfonso Arau (“Caminhando nas Nuvens”), Ron Howard (“Parenthood – O Tiro Que Não Saiu Pela Culatra”) e Stephen Frears (“Ligações Perigosas”). Fora isso, emplacou o feito raro de estreitar três franquias pop, iniciadas em décadas diferentes. No fim dos anos 1980, ele dividiu com Alex Winter (hoje um documentarista de prestígio) o sucesso de “Bill & Ted: Uma Aventura Fantástica”, que rendeu continuação e uma série de desenhos animados pra TV. Em 1999, foi a vez de ele lutar kung-fu, desafiar a gravidade e explicar Hegel e Kant aos cinéfilos no papel do hacker Neo no cult “Matrix”, que rendeu três continuações (duas em 2003 e uma em 2021). A terceira franquia foi iniciada em 2014, com o filme “De Volta Ao Jogo”, que apresentou a Hollywood o matador John Wick, revolucionando a forma de se enquadrar cenas de luta e de tiros.

Seu personagem, em “Consequência” (“Outcome”), o ator Reef Hawk, também ficou célebre em franquias sucessivas. Parece um espelho de seu intérprete, não fosse um detalhe: sem seu público saber, ele viciou-se em heroína, passou por um rehab e, agora, preparado para retomar seu trabalho, encontra-se açoitado por uma ameaça de “cancelamento”. Seu administrador de crises, Ira Slitz (papel do próprio Jonah Hill), revela que alguém está o chantagando com um vídeo de conteúdo questionável. Sua vida pode virar de cabeça para baixo caso o conteúdo vazze. Eis que Reef então decide se redimir com aqueles a quem magoou - ou prejudicou radicalmente - no passado para descobrir quem é o chantagista. Esse processo deflagra uma estrutura de dramédia que evoca o cult “O Tempo Que Resta” (2005), de François Ozon, porém com graça (um bocado, aliás).

Mesmo cercado de excentricidades, Reef (composto com delicadeza por Keanu, numa prova da maturidade do intérprete) sabe que, sob o pavimento dos milhões arrecadados por suas longas de maior idolatria, reside um indivíduo vulnerável padrão, sem virtudes que não a capacidade de “viver em matilha”, ou seja, de resguardar seu bando de amigas/os como se fosse família. Scorsese integra esse coletivo no papel de um agente de astros mirins que, um dia, ajudou Reef a vencer, até ser descartado. Cameron Diaz e Matt Boomer (impecável) vivem os melhores amigos do alquebrado personagem.

Keanu entrega nessa comédia dramática tudo o que pode... e um tanto mais. Sua dublagem por aqui, feita por Reynaldo Buzzoni, sua voz habitual, é um primor.

Agora é esperar como KR vai se sair na quinta aventura da saga animada “Toy Story”, na qual interpreta o bonequinho motociclista Duke Caboom. Aliás, em filmes animados, ele cede a voz a Shadow, o ferrabrás do quarto filme do Sonic, que estreia em 2027.

CORREIO CULTURAL

Zeca Vitorino/Divulgação

Guida Vianna receberá a premiação em 17 de junho

Prêmio APTR cria o Troféu Camila Amado

Uma das novidades da 20ª edição do Prêmio APTR de Teatro é a criação do Troféu Camila Amado e sua primeira vencedora é a atriz Guida Vianna, em celebração aos seus 50 anos de uma trajetória de talento, rigor e entrega ao teatro. Guida está no elenco de "O Homem Decomposto", em cartaz até o dia 22 no Teatro Poeira.

"Dar ao troféu o nome de Camila Amado é afirmar uma

linhagem de palco, pensamento e formação. Camila e Guida são duas extraordinárias atrizes, grandes trabalhadoras e operárias do teatro, artistas que ajudaram a formar gerações e a sustentar a memória da nossa cena", defende o produtor Eduardo Barata, presidente da APTR. A cerimônia do Prêmio APTR de Teatro está marcada para 17 de junho no Teatro Carlos Gomes.

Adeus a um mestre

Morreu neste domingo (12), aos 92 anos, o arquiteto Eduardo de Almeida, uma referência para profissionais e estudantes da área. Sua carreira de mais de seis décadas foi dividida entre escritórios e as salas de aula da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, a Universidade de São Paulo. Entre seus principais projetos está o da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, realizado em parceria com Rodrigo Mindlin Loeb, neto do bibliófilo, na cidade universitária. A família do arquiteto não deu detalhes da causa da morte.

Viva o retiro!

Presidente do Retiro dos Artistas, Stepan Nercessian, comentou o estigma da instituição após críticas de Marcos Oliveira, o Beizola de "A Grande Família". Marcos reclamou da convivência com os vizinhos e da falta de sexo no espaço onde passou a viver em casa doada.

Viva o retiro! II

Em participação no videocast "Vozes do Retiro", Stepan lembrou que a instituição carregava um "carma" negativo e era vista como uma punição ou o destino de quem não teve sucesso. "Canso de repetir que aqui não é um depósito de gente, nem a estação final da carreira de ninguém", rebateu.

Anitta diz ter ido bem no SNL

Anitta demonstrou orgulho de sua apresentação no Saturday Night Live, um dos programas mais populares de TV dos EUA. "Achei que eu arrasei. Achei que eu cantei muito, dancei muito. Estava tudo mara, eu estava linda", se gabou em vídeo publicado nas suas redes sociais. Ela foi a primeira artista brasileira convidada a cantar no programa.



Reprodução SNL



Renato Mangolin/Divulgação

Após brilhar em 'Furacão', Sirlea Aleixo prepara 'Incondicional', próximo espetáculo da Companhia Amok Teatro, com estreia prevista para junho

Um furacão chamado Sirlea Aleixo

Depois de conquistar o Prêmio Shell, atriz volta aos palcos em nova montagem com a Cia Amok e sonha com trabalhos no cinema e na TV

Sirlea Aleixo venceu o 36º Prêmio Shell de Teatro de Melhor Atriz por sua atuação em "Furacão", espetáculo da Companhia Amok Teatro onde interpretou uma sobrevivente do furacão Katrina. Agora, a atriz já está de volta à sala de ensaio preparando seu próximo trabalho com o grupo: "Incondicional", que aborda a história de mulheres presas em uma penitenciária feminina brasileira. O projeto marca a continuidade da parceria entre Sirlea e a Amok após o sucesso de crítica e público de "Furacão".

A trajetória de Sirlea Aleixo até o palco não foi convencional. Nascida e criada no Jacarezinho, onde vive até hoje, ela começou a fomentar cultura local aos 13 anos, criando um programa de dublagem na comunidade. Na vida adulta, dedicou-se integralmente à família como mãe e dona de casa. O ponto de virada aconteceu por acaso: acompanhando a filha para uma inscrição em um curso de teatro, foi incentivada por pessoas no local a fazer o teste também. Passou. "Disseram que eu era uma joia rara e eu pedi que então me lapidassem", lembra.

O curso abriu caminho para o primeiro marco profissional: o monólogo "Mariana Crioula", que ela considera o nascimento de sua carreira. A repercussão positiva levou a integrar o elenco de "As Comadres", espetáculo que resultou em sua primeira turnê internacional na França, ao lado das filhas Thay e Taty Aleixo, também artistas. Ao longo de treze anos, Sirlea acumulou indicações a prêmios como APTR e Prêmio do Humor.



Alessandro Costa/Divulgação

Sirlea discursa após receber o Prêmio Shell em São Paulo

“Como diz a Viola Davis, o que separa nós mulheres negras desses lugares e da conquista de grandes méritos, são apenas as oportunidades” **SIRLEA ALEIXO**

"Furacão" representou um salto em sua carreira. O espetáculo havia sido engavetado durante período de escassez de incentivos à cultura. Sirlea pediu à Amok que o projeto fosse retomado assim que as condições melhoraram. O resultado foi reconhecido com o Prêmio Shell em São Paulo. "Furacão chegou na minha vida como um furacão mesmo, estremeceu tudo, balançou as estruturas, de forma positiva", afirma. Para a atriz, a conquista do prêmio funciona como validação. "As pessoas me olhavam, mas não me viam. Isso é um respiro dentro de toda essa luta. Uma confirmação de que estou no caminho certo", diz.

Além de "Incondicional", com estreia prevista para junho, Sirlea integra o elenco de "Querida Mãe",

texto do dramaturgo italiano Dario Fo com direção de Yuri Negreiros. A peça tem apenas três apresentações marcadas para o fim de abril em Campos dos Goytacazes. "Tem outros trabalhos que já estão no forinho, mas ainda não podem ser divulgados", revela.

Para o futuro, a atriz sonha com novas turnês internacionais e trabalhos no cinema e televisão, especialmente em papéis que lhe permitam desenvolver sua potência artística. "Sonho em, financeiramente, poder dizer que vivo da minha arte. Também gostaria de fazer uma personagem com algum protagonismo no audiovisual. Como diz a Viola Davis, o que separa nós mulheres negras desses lugares e da conquista de grandes méritos, são apenas as oportunidades", conclui.

Rio Fashion Week está de volta

Cidade volta a ter uma semana de moda depois de anos para atrair 'fashionistas' e turistas

JOÃO PERASSOLO
Folhapress

Oskar Metsavaht, diretor de criação e estilo da Osklen, enxerga o Rio de Janeiro encarnado numa mulher de vestido de seda plissado, lenço de estampa colorida e tênis de caminhada. Sua imagem de moda, calcada, como ele diz, em parte na mistura de estilos - as roupas de fibra nobre com o calçado esportivo - e, em parte, nos corpos suados e dourados a passearem pelo calçadão de Ipanema, vai reinaugurar a semana de moda carioca.

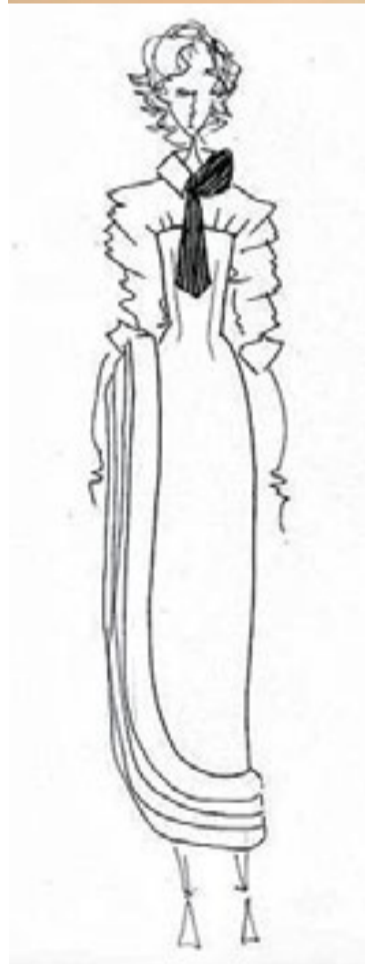
Nesta terça (14), a grife faz o desfile de abertura da Rio Fashion Week com seu vestuário de uma zona sul idealizada, imaginário muito distante das mazelas que assolam a cidade. O desfile na antiga embaixada britânica no Rio de Janeiro marca a retomada de uma semana de moda na cidade, depois de um hiato de mais de dez anos desde os extintos Fashion Rio e Rio Moda Rio.

Com 20 desfiles até sábado, concentrados em sua maioria no Pier Mauá, a Rio Fashion Week chega com marcas importantes na passarela, como Lenny Niemeyer, Misci, Salinas e Blue Man. A ideia, segundo os organizadores do evento, é recolocar o Rio no calendário fashion do Brasil e alavancar o potencial turístico da cidade, que teve sua imagem fortalecida depois dos shows de Madonna e de Lady Gaga nas areias de Copacabana - ou seja, o foco não é só a roupa.

No caso da Osklen, a mais conhecida marca de moda carioca, o desfile terá 36 looks urbanos e de praia que, de acordo com Metsavaht, serão uma homenagem ao Rio - basicamente o que a grife faz desde sua criação, há 36 anos. As roupas e acessórios captam o "hedonismo saudável do Rio de Janeiro, um estilo de vida expresso pelos corpos



Look da Osklen com vestido plissado de seda e lenço a ser desfilado na Rio Fashion Week



Croqui de peça da nova coleção da Aluf



Look da Misci a ser exibido no evento

bem cuidados, saudáveis e belos", diz ele, "os gestos da capoeira, da embaixadinha, da menina sentada na areia, do mergulho no mar, dos coqueiros ao vento".

"Você vai se vestir para andar na calçada de Ipanema ao pôr do sol. Vai escolher uma roupa leve, despojada, mas com certa sofisticação. Você quer estar belo. São os elementos que eu trago para a Osklen. Se alguém te convidar para ir a um jantar em um dos hotéis da orla ou no apartamento de alguém, você

está bem-vestido. Mas se te chamarem para um luau na praia, você está bem-vestido também."

Entre as etiquetas escaladas estão também a Normando - que vestiu a atriz Alice Carvalho no tapete vermelho do Oscar com um vestido de juta que parecia uma armadura no corpo -, a Piet, que mostra uma coleção feita em parceria com a Riachuelo, fast fashion que agora tenta ser mais "fashion" do que "fast", e a Handred, com suas roupas bem executadas cortadas em seda, algodão,

lã e couro.

Há três estreias. A Argalji, marca mais experimental que exagera nos volumes para brincar com as silhuetas; a Hisha, com peças artesanais feitas por bordadeiras mineiras; e Karoline Vitto, brasileira que já desfilou em Londres e aporta no Rio com seus modelitos criados para corpos diversos. Fora isso, a Blue Man, grife de moda praia na ativa desde os anos 1970, põe na passarela Helô Pinheiro, a musa inspiradora de "Garota de Ipanema".



Tênis em colab da Veja com a Misci



Croqui de peça da nova coleção da Helô Rocha

Qual foi o critério para a seleção das marcas? "Literalmente existia um checklist", diz Olivia Merquior, a curadora de conteúdo da Rio Fashion Week. "O que o desfile agrega para a semana de moda em termos de comunicação, de atração de patrocinadores, de público, de novidade que vai ajudar a oxigenar o sistema da moda".

Com a chegada da Rio Fashion Week, o calendário brasileiro muda. Como o evento é organizado pela IMM, a mesma empresa que produz a SP Fashion Week, a semana de moda paulistana que acontecia duas vezes por ano, agora só vai rolar no segundo semestre - na primeira metade do ano, as marcas desfilam no estado vizinho. Há pelo menos três edições da Rio Fashion Week acertadas com a prefeitura.

SERVIÇO RIO FASHION WEEK

De 14 a 18/4
Diversos locais da cidade
Ingressos a partir de R\$ 50
Programação completa: www.riofw.com.br

Divulgação



Pelos sonhos sombrios de Morfeu



Individual do artista peruano Ciro Palomino parte dos pesadelos do ser mitológico para refletir sobre conflitos humanitários

Ciro Palomino traduz urgências políticas e sociais em linguagem visual na exposição 'Morfeu'



AFFONSO NUNES

O artista peruano Ciro Palomino apresenta a exposição “Morfeu: Pesadelos e Despertares” no Centro Cultural Correios RJ a partir de 25 de março. A mostra reúne obras que narram os sonhos sombrios do deus mitológico, causados pela humanidade e seus conflitos — guerra, autodestruição, mudanças climáticas e desigualdade de gênero. Apesar da temática pesada, as obras trazem um fio condutor de esperança, funcionando como um contraponto ao desespero que poderiam sugerir.

Formado pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP), Palomino trabalha há mais de uma década com questões sociais e ambientais. Desde 2016, quando ganhou prêmio da ONU em concurso internacional, suas criações refletem temas de urgência global. Seu projeto “Consciência” — que aborda problemas sociais — teve primeira exposição em 2017 na sede da ONU em Nova York e circulou pelo Brasil entre 2019 e 2022, sendo visto por mais de 200 mil pessoas. Palomino também participou de exposições coletivas na Suíça, China, Irã e Turquia, consolidando seu foco em problemáticas humanitárias.

A exposição atual é uma sequência natural dessa trajetória. “Temos sonhos e pesadelos. Meu trabalho social me permitiu expressar o que sinto de uma forma que é expressiva e universal”, explica o artista. “Hoje vivemos em mundos estranhos e tumultuosos, cheios de medos e orações, perdão e culpa; um mundo que anseia por despertar, assim como as pessoas que o habitam.” A escolha de Morfeu como figura central não é aleatória: o deus grego dos sonhos funciona como metáfora para o inconsciente coletivo, para aquilo que a humanidade reprime mas que insiste em retornar nas noites — ou nas crises. A curadoria é de Carlos Bertão, e o projeto expográfico de Alê Teixeira. O Consulado Geral do Peru no Rio de Janeiro apoia a iniciativa.

A relevância da mostra está em sua capacidade de traduzir urgências políticas e sociais em linguagem visual. Em um contexto onde conflitos geopolíticos se intensificam, onde as mudanças climáticas ganham cada vez mais espaço nas agendas públicas e onde as desigualdades persistem, uma exposição que coloca esses temas no centro de uma reflexão artística oferece um espaço de diálogo. Não se trata de uma denúncia panfletária, mas de uma exploração metafórica que convida o espectador a pensar sobre seu próprio papel nesse “mundo estranho e tumultuoso” que Palomino descreve.

SERVIÇO

MORFEU: PESADELLOS E DESPERTARES

Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro) Até 9/5, de terça a domingo (12h às 19h) | Entrada franca